

## **ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES: CONTAR COM IRONIA A RELAÇÃO HOMEM/MULHER NO ESPAÇO HUMANO MINDELENSE**

MARIA MANUELA ARAÚJO  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
[manuelajaraujo@gmail.com](mailto:manuelajaraujo@gmail.com)

### **Resumo**

A recensão crítica que se apresenta trata a relação do par Virgílio e Nita, no conto «Noite de Vento», de António Aurélio Gonçalves, com o objetivo de uma melhor compreensão da relação homem/mulher no espaço humano da cidade do Mindelo, S. Vicente. A formulação do olhar crítico aqui presente será efetuada à luz de um suporte conceptual, de índole social, cultural e literária, cujas fontes são da autoria de Francesco Alberoni, Roland Barthes e Victor Seidler. A escolha desta temática deve-se ao facto de o texto implicar na sua arte narrativa uma perspicácia analítica de comportamentos regulados por valorações determinadas pelo género humano, possibilitando uma «indagação perscrutante do indivíduo urbano mindelense», um traço que, segundo Alberto de Carvalho, distingue este escritor dos seus contemporâneos fundadores da revista *Clareza*.

No tecido diegético do conto a relação que Virgílio estabelece com Nita, e vice-versa, é um lugar humano em que os papéis dramatizados por indivíduos do sexo oposto permitem uma diagnose social e cultural da cidade insular cabo-verdiana, perturbada na individualidade dos seus sujeitos pelo sentimento designado de aborrecimento. O aborrecimento vai-se construindo como figura discursiva que justifica a encenação textual de uma conjugalidade contingente, factual, a qual ocupa a função de entretenimento. Virgílio acredita na convenção do casamento como projeto racional de vida. Nita não acredita na conjugalidade como essência do feminino. Se Virgílio experimenta o modelo do ajuntamento, para desenfasiar da monotonia mindelense, enquanto espera ser surpreendido pela evidência do matrimónio, Nita, pela mesma razão, tem unicamente nos seus horizontes de vida seduzir e ser seduzida, como modo de levar a vida, ou seja, o prazer do desafio e desapego, de duração temporária. Esta figura feminina desenha-se no jogo transitório da disputa, entre os papéis de sujeito e objeto de desejo, oscila entre sujeito ativo na conquista, ao invés do mito antigo ocidental, a sedutora que nada quer, mais de acordo com o mito moderno.

No conto de António Aurélio Gonçalves, «Noite de Vento», a ficção tecida à volta do par Virgílio e Nita constrói a figura discursiva do aborrecimento insular. Este serve de pretexto ao erotismo anárquico, mas simétrico, que regula uma relação socialmente tolerada, dentro da moralidade mindelense.

**Palavras-chave:** Feminino, masculino, aborrecimento, erotismo, moralidade.

\*

O texto que se apresenta trata a relação do par Virgílio e Nita, no conto «Noite de Vento», de António Aurélio Gonçalves, com o objetivo de uma melhor compreensão da relação homem/mulher no espaço humano da cidade do Mindelo, S. Vicente. A formulação do olhar crítico aqui presente será efetuada à luz de um suporte conceptual, de índole social, cultural e literária, cujas fontes são da autoria de Francesco Alberoni, Roland Barthes e Victor Seidler. A escolha desta temática deve-se ao facto de o texto implicar na sua arte narrativa uma perspicácia analítica de comportamentos regulados por valorações determinadas pelo género humano,

possibilitando uma «indagação perscrutante do indivíduo urbano mindelense», um traço que, segundo Alberto de Carvalho, distingue este escritor dos seus contemporâneos fundadores da revista *Claridade*.<sup>1</sup>

O confronto desta narrativa da masculinidade com outros textos literários de autoria feminina, portadores de pontos de vista diferentes, contados no feminino, complementaria o modesto contributo que aqui se pretende oferecer, ficando já lançado o desafio ao diálogo, dessas narrativas com o trabalho em curso.

No tecido diegético do conto a relação que Virgílio estabelece com Nita, e vice-versa, é um lugar humano em que os papéis dramatizados por indivíduos do sexo oposto permitem uma diagnose social e cultural da cidade insular cabo-verdiana, a qual, à luz da entidade narradora, é perturbada na individualidade dos seus sujeitos pelo sentimento de aborrecimento: « [...] em São Vicente, quando não há uma pequena, morre-se de aborrecimento [...] »; « Nita falava da vida aborrecida e da falta de serviço. » (Gonçalves, 1999: pp. 9-11). Ao longo da trama narrativa, o aborrecimento vai-se construindo como figura discursiva<sup>2</sup> que justifica a encenação textual de uma conjugalidade contingente, factual, a qual ocupa a função de entretenimento. Virgílio acredita na convenção do casamento como projeto racional de vida. Nita não acredita na conjugalidade como essência do feminino. Continuando a seguir o ponto de vista do narrador, se Virgílio experimenta o modelo do ajuntamento, para desenfastiar da monotonia mindelense, enquanto espera ser surpreendido pela evidência do matrimónio, Nita, pela mesma razão, tem unicamente nos seus horizontes de vida seduzir e ser seduzida, como modo de «levar a vida» (Gonçalves, 1999: p. 11), ou seja, o prazer do desafio e desapego, de duração temporária. Esta figura feminina desenha-se no jogo transitório da disputa, entre os papéis de sujeito e objeto de desejo, oscila entre sujeito ativo na conquista, ao invés do mito antigo ocidental, a sedutora que «nada quer», mais de acordo com o mito moderno (Barthes, s/d: p. 226).

Assim, o par em análise, fazendo a substituição repetida dos seus objetos de Eros, age em favor da descontinuidade afectiva, descomprometida, uma propriedade que no Ocidente é intrínseca ao erotismo masculino<sup>3</sup>, mas que na relação em análise se revela simétrica, porque partilhada por Nita. O processo de fascínio-sedução é iniciado no baile e dura cerca de dois meses. Nita seduz Virgílio no baile do Monte Sossego, e este procura convencê-la a viver consigo, o que só se concretiza depois de ela, grávida, se ter separado de Léla de Cristina. Contudo, o romance de vida do qual Nita revela ser protagonista parece não desiludir as expectativas do meio sociocultural envolvente, forjadas pelo senso comum: «Em São Vicente, menina sem um homem sofre muitas dificuldades» (Gonçalves, 1999: p. 11). Por sua vez, Virgílio fica cativo da memória erótica

<sup>1</sup> Veja-se o verbete CARVALHO, Alberto. Gonçalves (António Aurélio) (da Silva). Dicionário *Biblos*. Lisboa. Verbo.

<sup>2</sup> Utiliza-se o conceito de figura como signo, episódio semântico com memória, (topos), na acepção de Roland Barthes. Veja-se BARTHES, s/d: pp. 11-15.

<sup>3</sup> Reporto-me ao conceito Erotismo, de Francesco Alberoni. Para o sociólogo, o erotismo masculino é amoral, contrário à dignidade ética, quando vive fora das instituições conjugais; requer exclusão de deveres, de responsabilidades, de pactos, de vínculos sociais e familiares – é tolerado em quem não tem compromissos. Cf. ALBERONI, 1988: pp. 65- 66.

do primeiro encontro, marcado pelo fetiche do corpo. Por conseguinte, em estado de hipnose, torna-se cego à gravidez de Nita, uma denúncia que a onisciência narradora coloca em evidência: «Infelizmente, Nita já não era a mesma coisa...[...] Virgílio tinha esquecido tudo, tinha apagado lembranças, não queria ver nada [...] » (Gonçalves, 1999: p. 14). O juízo de valor emitido anuncia uma outra moralidade, a qual encontra eco nas palavras de Nhâ Filomena:

*Amor não é de confiança. Mulher, apenas ela pôs o sentido num homem, não há nada, nem amiga, nem família, nem ninguém que lho tire dele. Assim, uma menina pode estar com um companheiro. Se ela for até aquela esquina e lá lhe aparecer um homem de quem goste, ela pode mudar todo o seu destino para o acompanhar.*

Gonçalves, 1999: p. 21

O baile introduz a simbólica luminosa da paixão, pois, no dizer de Roland Barthes, «o sujeito apaixonado vive todo o encontro com o ser amado como uma festa.» (Barthes, s/d: p. 160). Toda a ironia superlativa que atravessa a descrição do baile cria a excecionalidade contida no conceito de «estado nascente» (Alberoni, 1990: p.11), que Alberoni herdou de Max Weber: « [...] são as melhores noites de uma sala bem iluminada, com pequenas selecionadas, grogue de primeira, churrasco digno dos tempos antigos, entusiasmo excecional [...]» (Gonçalves, 1999: p. 10). Este processo coletivo a dois, em que o outro é um corpo anónimo, que captura o sujeito apaixonado e encanta o seu imaginário, é despertado pelo estado de transcendência deste último, sem consciência de que o extraordinário está em si, e não no outro escolhido, acreditando, contudo, ser o contrário, ao projetar a sua euforia na pessoa que não sabe que elege como objeto das suas emoções. A referida vivência humana é percebida pelas personagens em análise como se fosse uma coisa estranha, sentida pela primeira vez, ainda que repetida. Se Virgílio saltou de amante em amante, Nita dividiu-se entre a sedução de Virgílio e Léla de Cristina, dois comportamentos de reciprocidade anárquica, embora socialmente tolerados: Virgílio tem fama de maltratar as mulheres e sente-se explorado, o que não se constitui impedimento a mais uma relação de conveniência, Nita é igualmente uma mulher «com fama», todavia, aos olhos da moral feminina, «Nita era para ser tomada como Deus a fizera» (Gonçalves, 1999: p. 11).

Assim, Nita busca um companheiro que a entretenha e lhe assegure um lugar condigno no sistema, que lhe convenha. Virgílio vai experimentando outras relações, enquanto espera ser tocado pelo divino segredo do matrimónio. Ambos agem na inconsciência dos estereótipos sociais e culturais que os manipulam, orientados por uma outra moralidade. Por fim, se o narrador do conto «Noite de Vento» é digno de confiança, ou não, é uma questão pertinente que pode ser tomada como hipótese de trabalho. Por outro lado, a problematização desta subjetividade masculina possibilita uma fértil discussão sobre um cânone ficcional demoradamente masculino em Cabo Verde, o que implicou a prevalência de enfoques temáticos que merecem ser trabalhados, de forma comparativa, com textos escritos por mulheres, tais como: Maria Helena Spencer, Orlanda Amarílis,

Ivone Aída, Maria Margarida Mascarenhas, Fátima Bettencourt, Dina Salústio, Vera Duarte, Ondina Ferreira e outras.<sup>4</sup>

## BIBLIOGRAFIA

### **Corpus de Trabalho**

GONÇALVES, A. A. 1999. *Noite de Vento*. Lisboa, Caminho, pp. 9-45.

### **Bibliografia Complementar**

ARAÚJO, M. M. J. C. de. 1997. *A Dramatização do Feminino em Their Eyes Were Watching God de Zora Neale Hurston*. Lisboa, FLUL.

ALBERONI, F. 1988. *O Erotismo*. Trad. de Maria Carlota Álvares da Guerra. Venda Nova, Bertrand Editora.

BARTHES, R.. S/d. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Trad. de Isabel Gonçalves. Lisboa, Edições 70.

CARVALHO, A. Gonçalves (António Aurélio) (da Silva). *Dicionário Biblos*. Lisboa. Verbo.

MARGARIDO, A. 1980. "Cabo Verde". *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa. A Regra do Jogo.

SEIDLER, V. J. 1994. *Unreasonable Men: Masculinity and Social Theory*. London and New York. Routledge.

---

<sup>4</sup> A proposta aqui sugerida tenciona cruzar o trabalho da Doutora Simone Caputo Gomes, apresentado neste colóquio, um exemplo de como os textos iluminam outros textos.